

GENTE DE OUTONO

Num romance assombrado pelo tiquetaque de relógios, o circo promete uma saída. As figuras encontradas por Ray Bradbury são simples: o Labirinto de Espelhos permite aos condenados um vislumbre aflitivo da idade que gostariam de ter; e um Carrossel sobrenatural fornece-lhes a oportunidade de concretizar essa passagem.

Texto de ROGERIO CASANOVA

OS leitores que, encaminhados por esta rubrica, abram *Algo Maligno Vem aí* à espera de uma tranquila fantasia estival são capazes de suspeitar uma armadilha ou um equívoco logo à primeira frase: «Antes de mais, era outubro.» Não é o mais promissor dos começos para uma sessão de leitura em toalha de praia, portanto o melhor é deixar claro desde já que *Algo Maligno Vem aí* não é um livro sobre o verão, mas sim sobre os destroços que a ideia de verão deixa à sua passagem.

Ray Bradbury escreveu, de facto, um livro sobre o verão em *Dandelion Wine*, publicado em Portugal pela Caminho (na defunta coleção conhecida informalmente como «a dos livrinhos azuis»), sob o título *A Cidade Fantástica*. A cidade em questão era Green Town, a paisagem mítica inventada por Bradbury e dotada com a mesma substancialidade vaporosa do condado de Yoknapatawpha. Green Town era, na verdade, Waukegan, a terra natal do autor no Illinois, mas bem depressa poderia chamar-se *Winesburg, Ohio*. Tal como a fictícia *small town* de Sherwood Anderson, era um lugar materializado numa infusão de nostalgia primordial e urbanofobia militante: povoado por excêntricos, «grotescos» e memórias mitificadas, um sítio onde a infância – e, conseqüentemente, o «verão», na sua forma abstrata e idealizada – poderia durar para sempre. Embora promovido como fantasia, *A Cidade Fantástica*

não continha, em rigor, um único elemento sobrenatural; apenas um naturalismo esgazeadado e temperado por percepções pré-adolescentes, onde os dados objetivos sobre a realidade são submetidos a pressões imaginativas – e hormonais.

Algo Maligno Vem aí é uma espécie de sequência. A cidade ainda é Green Town, mas a estação mudou e outros modelos literários substituíram o original. Do 4º ato de Macbeth, Bradbury apropriou o título – «*by the pricking of my thumbs / something wicked this way comes*» –, um rolo compressor silábico cujo ritmo transporta conotações imediatas de ameaça premente (e que demonstra pela enésima vez uma das leis não escritas da literatura: um verso de Shakespeare dá quase sempre um bom título).

O que «vem aí» é uma premissa ficcional cheia de *pedigree*: a ideia do visitante misterioso que invade subitamente um mundo fechado, trazendo consigo um conjunto de provações inéditas. Mark Twain codificou o tropô em dois contos clássicos, «O Homem Que Corrompeu Hadleyburg» e «O Desconhecido Misterioso», duas versões da mesma situação: comunidades pequenas e aparentemente coesas, viradas do avesso por uma aparição vagamente satânica. (A fórmula sofreu alterações significativas quando Bulgakov a transplantou para outro continente, mas *Margarita e o Mestre*, na sua essência, é mais ou menos isto.)

A Green Town, no fim do verão (24 de outubro, para ser preciso), precedida por avisos de tempestade, brisas com

cheiro a alcaçuz e outros augúrios diversos, chega uma feira de diversões ambulante com um nome estupendo, o Teatro de Sombras Combinadas e Companhia de Teatro Intercontinental Pandemónio de Cooger & Dark, cujos panfletos anunciam um sortido de prodígios: Mefistófeles, o Bebedor de Lava! O Sr. Elétrico! O Monstruoso Montgolfier! A Guillotina Demoníaca! O Homem Ilustrado! O Esqueleto! A Bruxa da Poeira! O Templo da Tentação de Santo Antão!

A narrativa revela gradualmente que Cooger & Dark, na sua perpétua digressão pela América recôndita, trazem às populações um mecanismo faustiano: um dispositivo de tentações concebido para desviar os incautos com a promessa tenebrosa de cumprir o seu desejo mais íntimo, desejo que, pela magia negra, mas real, do Circo Pandemónio, é transformado numa perversa caricatura.

Os dois protagonistas são dois jovens, com mais dois nomes fabulosos (um óbvio talento de Bradbury), Will Holloway e Jim Nightshade, dois vizinhos e amigos de infância, nascidos de cada lado da Noite das Bruxas, e que a ação apanha a uma semana de completarem 14 anos.

O simbolismo em Bradbury é quase sempre medido em toneladas e *Algo Maligno Vem aí* não foge à regra, o que o torna um daqueles livros – como *O Deus das Moscas* – ideais para ler na adolescência: não apenas pelo motivo superficial (o facto de serem livros com adolescentes como personagens principais), mas porque a sua utilização dos tropos e instru-

mentos da literatura (tema, tom, símbolo, progressão) é tão garbada e ruidosa que permitem uma porta de acesso aprazível.

Um bom exemplo é o que Bradbury faz com o tema do despertar sexual. No capítulo 6, Will e Jim visitam algo a que chamam «o Teatro», uma casa enigmática, situada numa rua onde tinham por hábito «roubar pêssegos, ameixas e damascos». Mas um dia arriscam trepar uma árvore mais alta à procura de maçãs, e por uma janela com cortinas subidas, observam algo inesperado e *novo*: «pessoas, todas desconhecidas, fizeram crescer

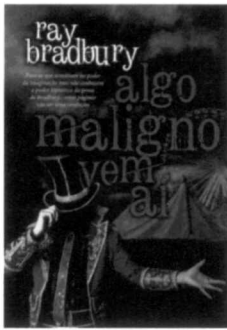
as camisas sobre as cabeças, deixaram cair as roupas no tapete, ficaram em estado puro, animais bravios, nuas, como cavalos a estremecer, de mãos estendidas para tocar umas nas outras».

Frutos proibidos e imagens proibidas, nada que saber. Algo que Bradbury partilha com escritores tão diferentes como Henry James e Nabokov é o instinto de que o Mal opera com maior eficácia quando consegue corromper a transição da inocência para a experiência, e nesse aspeto, *Algo Maligno Vem aí* palmeia o mesmo incómodo território temático de *Lolita* ou *Calafrio*.



CDR

Confrontado com Jim e Will, o circo malévolo de Cooger & Dark sente uma nova oportunidade. Mas o que pretendia inicialmente era absorver os que já estavam perdidos, aqueles que falharam os momentos de transição e nunca conseguiram adaptar-se ao que ganharam e perderam quando deixaram a inocência para trás. Num romance assombrado pelo tiquetaque de relógios (os personagens até sonham com relógios), o circo promete uma saída. As figuras encontradas por Bradbury são simples: o Labirinto de Espelhos permite aos condenados um vislumbre aflitivo da idade que gostariam de ter; e um Carrossel sobrenatural fornece-lhes a oportunidade de concretizar essa passagem.



O circo acaba por não ser visto como maligno nos seus componentes concretos, mas na forma como representa tentações antinaturais. O Mal que possibilita apenas pode ser atualizado quando interage com desejos humanos, que Bradbury reuniu num único desejo metafórico: o de que o «verão» nunca acabe. É o pai de Will, o adulto de serviço, que acaba por caracterizar Cooger e Dark, nos termos que encontrou num panfleto (inventado) de um pastor evangélico: «Para estes seres, a estação da queda é sempre a estação normal, o único tempo, não há outra opção para além dessa. De onde vêm eles? Do pó. Para onde vão? Para a sepultura. Corre sangue pelas suas veias? Não: o vento da noite. Que remói na sua cabeça? O verme. O que fala da sua boca? O sapo. Que se vê dos seus olhos? A serpente. Que se ouve com os seus ouvidos? O abismo entre as estrelas. Peneiram a tempestade humana em busca de almas, comem a carne da razão, enchem as sepulturas de pecadores. Entram em delírio. Fogem apressados como baratas, arrastam-se, fazem fila, tornam taciturnas todas as luas e turvam todas as águas que correm cristalinas. A teia de aranha ouve-os, treme – rompe-se. Esses são os seres outonais. Cuidado com eles.»

A passagem representa as virtudes e defeitos do estilo de Bradbury, que, como outros estilos apelativos na adolescência (Lovecraft ou Herman Hesse) não será para todos. O ato de ventriloquismo é apenas semieficaz, porque o resto do romance usa a mesma paleta elementar (os termos das metáforas são quase sempre os mesmos: fogo, luz, água, noite, bichos). Noutras alturas, é curioso verificar que um escritor de temperamen-

to tão distante de Jack Kerouac soe tantas vezes como ele, na verborreia descontrolada e no uso automático de intensificadores numéricos: «um milhão de criaturas correu, transportando canhões, afiando guilhotinas», «[como se] outra Idade do Gelo tivesse pairado sobre a terra, a sua massa glacial poderia já ter deitado a perder um bilião de pessoas, num instante».

Quando acerta no alvo, Bradbury é especialmente bom a dotar elementos familiares com uma aura de ameaça (uma «máquina de soda» a «fervilhar como um ninho de cobras»); e mesmo quando não descarta os cansativos biliões de Kerouac, descobre muitas vezes atalhos vívidos para representar a inquietação de escalas monumentais: quando adivinha a presença de uma criatura imortal, Will vê os seus olhos não como «antigos», mas como «distantes»: mortícios e semimortos apenas porque a luz das estrelas levou «um milhão de anos» a chegar às órbitas.

E nos melhores momentos, quando simplesmente se diverte a entrecocar o registo lírico e o impulso lúdico, a prosa alcança efeitos raros (e esta tradução, ao contrário de outras, serve-o bem):

«Retirado num ramal sobre a erva quente, era velho e apertadamente soldado com ferrugem, mas tinha o ar de um íman gigantesco que recolhera em si, trazidos de cemitérios de locomotivas de três continentes, veios de transmissão, rolamentos, chaminés, e pesadelos de segunda ordem em terceira mão. O recorte da silhueta não era negro nem fúnebre. Apenas pedia licença para jazer morto entre os despojos da dispersão outonal, esvaindo-se em restos de vapor e pólvora de ferro.»

Sem estragar o desenlace, pode dizer-se que o mesmo depende de uma série de aceitação associadas à maturidade: que o tempo passa; que o que é bom acaba; e que (uma noção intrinsecamente conservadora que o género fantástico sempre adotou com entusiasmo) as forças combinadas da tradição, da comunidade e da família são sempre mais fortes que a atração do caos e a efemeridade das tentações pueris.

Tal como o verão, o livro chega ao fim depressa demais; deixa recordações agradáveis, um bronzeado esbatido, mas também o desejo de tentar outra coisa parecida na próxima volta do calendário.

Primeira edição em Portugal

Saída de Emergência, setembro de 2012.

Curiosidades

O livro é dedicado a Gene Kelly, e começou como um guião que Bradbury escreveu para ser adaptado ao cinema por ele. Não tendo encontrado financiamento, o projeto morreu. (Uma adaptação do livro só viria a ser filmada em 1983, numa produção da Disney.)

Excerto

«— Como te chamas, rapaz?

Não lhe digas! pensou Will, e parou. Porque não, perguntou-se ele. Porquê?

Os lábios de Jim mal se mexeram.

— Simon — disse ele.

Sorriu para mostrar que era mentira. O Sr. Dark sorriu para mostrar que sabia isso.

— Queres ver mais, Simon?

Jim não lhe daria a satisfação de um assentimento.

Lentamente, com um prazer que lhe exigiu grandes trejeitos de boca, o Sr. Dark levantou a manga até ao cotovelo.

Jim olhou fixamente. O braço era como uma cobra a entrançar-se, bamboleando, oscilando para atacar. O Sr. Dark fechou o punho com força, contorcendo os dedos. Os músculos dançaram.»

Peso (sem balança)

Dir-se-ia que mais de 50 gramas e menos de um quilo.